

“FALA TU QUE EU TÔ CANSADO: VAMOS CONVERSAR SOBRE O ENSINO REMOTO?” RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA ESCOLAR

Allan Dellon Pereira Ferreira ¹
Anny Beatriz Cavalcanti Lima ²
Emmanoel Holanda Melo Ferreira ³
Thanara Castro da Conceição ⁴
Jéssica Andrade de Albuquerque ⁵

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência denominado “Fala tu que eu tô cansado: vamos conversar sobre o ensino remoto?”, que ocorreu a partir de uma demanda específica de uma escola pública localizada em Frei Martinho, na Paraíba, onde foi possível transitar pelos 3 níveis que o ensino médio dispõe, sendo eles as turmas do primeiro, segundo e terceiro ano. Essa intervenção em formato de roda de conversa foi facilitada por 4 alunos do 5º período de psicologia da UFCG, e teve como objetivo possibilitar uma escuta mais ativa e horizontalizada do corpo estudantil, a fim de facilitar uma abertura aos atravessamentos que a pandemia da Covid-19 e o ensino remoto vem a gerar nesse momento de isolamento. A Roda de Conversa possibilita um lugar de fala e troca, onde não existe um saber superior ou inferior, dando aos alunos a possibilidade de se colocarem livremente. Foi possível identificar que apesar do Ensino Remoto aparecer como um disparador para questões de insegurança, ansiedade, cansaço e dificuldades na conciliação entre os afazeres domésticos e escolares, ele pode ser utilizado de forma proveitosa considerando os aparatos tecnológicos.

Palavras-chave: Roda de Conversa; Ensino remoto; Escola; Diálogo; Ensino médio.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 gerou grandes transformações no que antes era dado como cotidiano e natural, acarretando migrações do ambiente físico para o ambiente virtual/online. Isso se deu pela adoção da medida de isolamento social que muitos países aplicaram na tentativa de diminuir as contaminações do vírus que estava crescendo descontroladamente. Assim como

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, allandellon134@gmail.com ;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, lima.annyb@gmail.com ;

³ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, emmanoelhmf@outlook.com ;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, castrothanara@gmail.com ;

⁵ Doutora em Psicologia Social (PPGPS/UFPB), Faculdades Nova Esperança - FACENE, jessica.albuquerque@facene.com.br .

o isolamento social, foi possível perceber a implantação de outros métodos de proteção, como “[...] o incentivo à higienização das mãos, à adoção de etiqueta respiratória e ao uso de máscaras faciais caseiras; e medidas progressivas de distanciamento social, com o fechamento de escolas e universidades [...]” (AQUINO et al, 2020, p.2).

Esse fechamento de instituições educacionais tornou-se uma preocupação tanto para os pais dos alunos quanto para as unidades acadêmicas, que temem pelo atraso da aprendizagem e a perda de características do ensino presencial, tal como a troca de experiências e o vínculo entre os pares. Pensando nisso:

As instituições de Ensino e professores acataram as recomendações do MEC, fecharam suas dependências temporariamente e passaram a vislumbrar um leque de novas oportunidades de utilização das atuais tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a fim de promover um processo formativo eficiente, capaz de levar conhecimento e oportunidade de aprendizagem para bilhões de alunos por meio dos recursos midiáticos oferecidos pela internet. (JUNIOR e MONTEIRO, 2020, p.2)

Com essa possibilidade e uma certa pressão sobre como pensar formas de se ter as menores perdas possíveis em questões de educação, foi publicado no diário Oficial da União, em 17 de março de 2020, a portaria nº 343, que dispõe sobre a substituição das aulas tradicionalmente presenciais por aulas em meios digitais durante o período da pandemia de COVID-19. (BRASIL, 2020) Por meio desta portaria o Ministério da Educação decide:

Art. 1º autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p.01).

Diante do exposto, o ensino passa a se apresentar de formas pouco vivenciadas antes, onde se tem aulas integralmente no formato online, com novos instrumentos e novas perspectivas para suprir a necessidade de continuar educando. Pensando nisso, as perguntas que surgem são, como os educandos do ensino médio estão vivenciando esse modelo educacional tão novo e que foi implantado de forma tão inesperada? Existe algum dano ao qual é possível intervir por meio de práticas pedagógicas menos invasivas ou por meio de ferramentas que a psicologia dispõe para entrar nesse campo da educação? Quais as principais queixas e quais os pontos positivos desse ensino?

Esses questionamentos mobilizaram a direção de uma escola pública de Frei Martinho, localizada na paraíba, a convidar estudantes do curso de psicologia da Universidade Federal de

Campina Grande-UFCG para intervir nesse cenário. Desse modo foi organizada uma equipe de quatro (4) estudantes do quinto (5º) período do curso de psicologia para desenvolver as intervenções neste âmbito. Após discussões em grupo, optou-se pela intervenção em formato de Roda de conversa virtual, a qual foi denominada “Fala tu que eu estou cansado: vamos conversar sobre o ensino remoto?”, a qual possibilitou trocas de experiências oportunizando acessar as inquietações dos alunos e suas demandas. Posteriormente, a partir dos relatos expostos, discutiu-se com a direção da escola e corpo docente a necessidade de gerar uma rede de apoio aos alunos que se articule para além do momento de aulas.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico utilizado neste trabalho se deu através da conhecida Roda de conversa, por permitir, como afirma Melo e Cruz (2014, p. 32) “que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo”, ou seja, auxilia para que o debate ocorra de forma horizontalizada e que a fala de um participante gere um movimento em um outro, seja por identificação, seja por discordância, ocasionando assim trocas e uma abertura ao diálogo.

Para a ambientação da sala virtual, a intervenção foi iniciada com uma música recepcionando os alunos e deixando-os o mais confortável possível. Depois dessa recepção, foi feita uma rodada de apresentação, onde cada um falava seu nome, a idade e um estilo musical que se gostava, com o intuito de gerar identificação entre os alunos e seus estilos musicais. Logo após, disponibilizou-se um link do *Mentimeter*, uma plataforma de criação online para o compartilhamento e geração de slides e nuvens de palavras, para que os alunos pudessem colocar 3 palavras que viessem à cabeça quando ouvissem os termos “Ensino Remoto”. Foram disponibilizados também, logo em seguida, 3 vídeos de *tik tok* com memes sobre o ensino a distância a fim de trazer uma ferramenta de interação bastante usada na década atual, que são as redes sociais.

Na instituição são oferecidos 3 (três) níveis de instrução, sendo eles o primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio. Cada turma apresenta cerca de 20 alunos, estando no dia da intervenção em média, apenas 8 discentes por turma, a maioria conectados através do telefone celular. Não nos foi esclarecido o motivo dessa defasagem no número de alunos e se esta teria relação com a ausência do acesso à internet ou de meios tecnológicos para tal. Para que a experiência fosse o mais proveitosa possível, a intervenção teve como organizadores 4

estudantes de psicologia, possibilitando através da escuta, uma dinâmica livre e atenta às demandas que vieram a surgir através das discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Transformar o ambiente doméstico em sala de aula, têm gerado discussões em várias dimensões, desde demandas físico-estruturais (como o espaço para assistir às aulas e disponibilidade de internet) até as questões emocionais e psicológicas (exaustão, ansiedade e insegurança). Foi a partir de demandas como essas, que os docentes da Escola Cidadã Integral, pertencente a rede estadual de ensino, da cidade de Frei Martinho-PB nos convocaram para promoção de um momento que não estivesse relacionado com atividades das disciplinas, mas que pudesse promover um espaço de troca e de diálogo entre nós, estudantes de psicologia, e os discentes do Ensino Médio.

Desde que foi iniciado o modelo de ensino Remoto com eles, os docentes puderam perceber a dificuldade de participação nas aulas, a carência de interação entre os próprios alunos e a falta de empenho para as atividades que são propostas. Em um momento pandêmico, em que há notícias diárias de tantas vidas sendo ceifadas, não há como realizar com normalidade qualquer tipo de trabalho. Como uma das alunas falou, *“eu tenho que estudar, mas também tenho medo dos meus pais pegarem o vírus, porque eles trabalham fora”*, sendo assim, não há como desconsiderar os fatores emocionais que se potencializam e não possuem uma administração diante dos dilemas escolares e familiares.

Considerando as condições de distanciamento social e que seria o nosso primeiro contato virtual com os alunos, optamos por fazer uso de uma Metodologia Ativa, como estratégia para propiciar uma aproximação e construção de vínculos, já que para Borges e Alencar (2014):

“A utilização dessas metodologias pode favorecer a autonomia do educando, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, advindos das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante. Dentre umas das Metodologias Ativas utilizadas está a problematização, que tem como objetivo instigar o estudante mediante problemas, pois assim ele tem a possibilidade de examinar, refletir, posicionar-se de forma crítica.” (p.120)

Sendo assim, propor a Roda de Conversa, possibilitou que eles trouxessem as demandas e pensassem coletivamente o que poderiam fazer com elas, com quais eles mais se identificavam e se eram especificamente escolares. A dinâmica dessa metodologia é que os participantes fiquem dispostos em círculos, trabalhando uma escuta horizontal, sem que

ninguém fique mais a frente ou mais atrás. No entanto, com os limites impostos pelo virtual tivemos que considerar aquilo que era postado no *chat* do *Meet*, na medida em que eles interagiam com o que era exposto.

A intervenção desenvolvida revelou a importância de escutar o corpo discente para além daquilo que historicamente se dá enquanto interesse escolar, pois com o decorrer da roda de conversa, temas como ansiedade, depressão, obrigação de crescer, vontade de desistir, estar “*só o pó*”, aparecem como motivos para que não estivessem conseguindo se dedicar como era necessário para as atividades propostas pela escola.

Na turma do 1^a ano do Ensino Médio, os alunos ficaram um pouco resistentes para comentarem sobre as palavras que apareceram, mas logo após serem questionados conseguiam se identificar com as demais palavras que surgiram na nuvem, começaram a apontar que se sentem carentes e que sentiam falta de “*receber um sorriso dos professores*”. Além disso, sinalizaram que não estavam conseguindo conciliar os afazeres domésticos com os escolares, o que resultava em dificuldades para a organização dos horários de estudo. Vale ressaltar, que a experiência de ensino médio é nova para esses alunos e adentrar nela de forma remota causou medo e “*estranheza*” como bem foram relatados por eles.

Apesar de apresentarem esses pontos negativos, apareceram expressões como “*uma forma de ajudar*”, “*uma nova experiência*” que despertaram novas discussões e os possibilitaram olhar o ensino remoto como o modelo de ensino que os permitia terem acesso a vídeos instantaneamente junto às aulas, utilizarem jogos e até mesmo ser retratado como uma inovação para o âmbito dos estudos. Esse era um debate que pretendíamos desde o início desenvolver, a fim de que pudéssemos pensar em diferentes visões para o mesmo fenômeno, buscando construir junto a eles estratégias de enfrentamento para esse momento de adaptação.

Na turma do 2^a ano tivemos uma dinâmica mais fluida, os alunos conseguiram falar sobre os temas que apareceram na nuvem e nos vídeos de forma espontânea e engajada. Uma das alunas relatou sobre a questão da ansiedade, dizendo que para muitas pessoas falar sobre esse assunto era motivo de vergonha. Apareceram também, questões sobre a falta do contato físico que esse período da pandemia está propiciando, “*a necessidade de um simples abraço*” foi destacada como um ponto importante para o debate proposto, gerando com essa fala, expressões de carinho e compaixão da turma. Esse comportamento fez perceber que apesar da distância física, havia naquele espaço uma rede de apoio bem colocada, uma vez que a cada fala de um aluno, um outro concordava e dizia uma frase confortante.

Outra queixa bastante evidenciada, foi a de que não aguentavam mais ouvir comentários como “*you só estuda*” vindo dos pais, visto que, principalmente nesse momento pandêmico,

estudar estava sendo uma atividade que demandava bastante esforço e concentração, e essas falas, segundo eles, reforçavam vontades como a de desistir do ensino médio, e pensar novos caminhos, que pudessem ser reconhecidos como trabalho.

Por fim, falaram da satisfação que era ter em sua escola, matérias curriculares como "Projeto de Vida", onde podiam ficar mais livres e ativos no processo de aprendizagem, já que ela possibilitava a discussão sobre a forma de lidar com os sentimentos e reflexões sobre os sonhos e projetos que eles tinham para a vida pessoal e profissional.

Essa matéria só foi possível nessa instituição por ela ser direcionada a um novo modelo de escola, o Programa Escola Cidadã Integral. As ECI 's, que apresenta um desenho curricular diferenciado e propostas metodológicas inovadoras, oferecendo um ensino que possibilita a formação de jovens e adolescentes protagonistas do seu projeto de vida.

Sendo assim, além de destacarem a importância da matéria, pediram que tivessem mais horários para que conseguissem aproveitar momentos que não estivessem relacionados apenas às matérias curriculares tradicionais e pudessem pensar sobre questões como *"padrões corporais que a sociedade coloca para os adolescentes"*, contemplando a fala de uma das alunas.

A turma do 3º ano foi a mais tímida, no que diz respeito a mobilização para debater sobre o assunto do Ensino Remoto, sendo poucos os que se dispuseram a dialogar pelo áudio, mesmo pós reforços dos vídeos e nuvem de palavras. Trouxeram em geral pontos negativos quanto ao ensino remoto, confirmando sentimentos de desespero e insegurança falados por outras turmas. Quanto aos pontos positivos, surgiram palavras como autonomia, inovação e criatividade, que segundo eles, auxiliam para o melhor desempenho escolar, contudo, uma frase que chamou bastante atenção, foi a de um aluno que diz que *"o ensino remoto é bom por não precisar ficar encontrando com quem ele não gostava"*, o que necessitaria uma investigação mais aguçada para se entender o que leva a esse pensamento e como intervir para que se tenha uma mudança cognitiva, caso esteja atrelado a algum processo de bullying ou preconceito.

Dentro desse contexto, podemos destacar 3 pontos que foram recorrentes nas 3 turmas do ensino médio referentes ao Ensino Remoto no contexto de pandemia: má adaptação ao modelo *online* devido à dificuldade de conciliação entre ambiente doméstico e escolar, ansiedade mediante a necessidade de estar implicado nas atividades propostas pelos professores e a falta de convívio social entre os alunos. Através desses pontos, a Roda de Conversa permitiu que eles se identificassem com outras questões que ali apareceram e pudessem pensar, junto aos pontos positivos, formas de lidar com o fenômeno em evidência. Na utilização de metodologias de reflexão como essa, a apreensão da realidade demanda o conhecimento e uma

percepção crítica sobre ela (FREIRE, 1996), pois se faz necessária uma visão mais ampla e consciente desse novo mundo que os estudantes foram inseridos, tornando possível através do diálogo e da escuta um espaço para busca de “que fazeres”.

A solidão, o tédio e a ansiedade que são muito retratadas pelos adolescentes, já foram também motivos de estudo para Oliveira e *et al* (2020), relatando que o agravamento de problemas psicológicos durante a pandemia, ocorre devido à diminuição da mobilidade, fechamento das escolas e interrupção da rotina de vida diária desses alunos. Por isso, também temos a falta de convívio social como uma causa para a aversão ao novo modelo de ensino, demonstrando que um dos grandes papéis da escola na constituição do sujeito é a possibilidade de interação social e estabelecimento de vínculos. Apesar dos recursos tecnológicos que permitem o acesso a novas formas de lidar com a aprendizagem, o contato humano ainda revela um fator de suma importância no processo escolar.

Apesar do cansaço, eles apresentam o “Projeto de Vida” como uma boa saída para a rotina de aulas e atividades. Para Moran (2017) em um mundo que passa por tamanhas transformações, a utilização desse projeto nas escolas permite o exercício de tornar visível nossas descobertas, escolhas, perdas e desafios futuros, colaborando para contínua revisão e construção da capacidade de se autoconhecer. Nesse sentido, essa seria uma oportunidade para dialogar sobre as inseguranças que o período do Ensino Médio pode conceber, as cobranças da família sobre os planos profissionais futuros e as pautas mais pessoais que aparecem no contexto de Pandemia. Estar em casa, limita esse campo de comunicação que antes era ampliado pelas conversas com os colegas durante o intervalo das aulas e no horário da saída, sendo assim, promover espaços para tratar assuntos mais pessoais, mesmo que de forma *online*, pode gerar uma aproximação entre os colegas e professores.

Portanto, foi possível perceber que o ensino remoto em sua maioria é carregado de representações negativas, sendo atrelado ao cansaço, a insegurança, ao desestímulo e a quebra de vínculos, gerando uma necessidade de desviar um pouco dos temas geralmente trabalhados em sala para assim dialogar sobre outros assuntos mais leves e mais dinâmicos, como pensar ferramentas também para os temas tradicionais, evitando grandes perdas do ensino, assim captando a atenção e estimulando a aprendizagem. Um ponto bastante interessante e que foi colocado pela maioria dos alunos, foi a importância do professor manter um alto astral, animando, proporcionando uma experiência mais energizada.

Após a intervenção em roda de conversa, foi realizada a devolutiva para o corpo docente da escola através de uma professora específica, a qual nos fez ponte com os demais. Essa devolutiva possibilita aos professores e professoras, pensar formas de melhorar a relação

interpessoal com os discentes e compreender quais os aspectos que estão interferindo para o processo-aprendizagem, podendo ou não rever seu modo de atuar, a fim de melhorar esses déficits que se apresentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar as falas e experiências colocadas pelos alunos, pode-se perceber que a psicologia educacional, enquanto ciência e profissão se faz necessária nesses espaços por “enxergar a escola não apenas como um lugar onde uns ensinam e outros aprendem, mas como um espaço social *sui generis* no qual as pessoas convivem e atuam [...]” (MARTINEZ, 2009, p.172), ou seja, a escola também é esse lugar de trabalhar questões que vão de encontro ao sujeito e suas vivências, ainda mais quando se está em um momento de expectativas quebradas e incertezas do futuro, como é este de pandemia. Quando esse diálogo ocorre no ambiente escolar, possibilita dividir a experiência com outros e viabiliza uma tomada de consciência das suas próprias problemáticas, pensando assim como agir sobre elas.

Quanto ao ensino a distância, percebe-se que a estrutura até então oferecida pelas escolas se mostra um tanto quanto deficitária, por impossibilitar as trocas que geralmente ocorrem no ambiente presencial, como também torna-se um espaço apático e de desatenção, visto que a escola invade agora um lugar que antes era de intimidade, de descanso e de realizar atividades outras, que assistir aula. E esses delineamentos levaram a colher demandas das turmas, a fim de se pensar novas outras intervenções junto a psicologia e de auxiliar conjuntamente com a comunidade pedagógica, estratégias para tornar o remoto mais eficiente e menos distante.

A intervenção abriu um espectro de possibilidades para se trabalhar com estes alunos, pois incitou debates que estão diretamente atravessados às questões do adolescer, como questões corporais, a necessidade do outro enquanto referência e grupo, preocupações com o futuro, ansiedade e uma certa pressão para tornar-se adulto o mais rápido possível para ocupar lugares de trabalho, de responsabilidade, que muitas vezes não se afirma pela idade, mas que para o espaço social se reforça enquanto “hora certa” para determinados comportamentos.

Portanto, a roda de conversa proporcionou transversalizar temas que se enquadram no dia-a-dia das adolescentes, mas que muitas vezes são negligenciados, uma vez que se entende como birra e aborrecimentos naturais da fase. E proporcionou também entender melhor as representações que os alunos apresentam sobre o estudar online e sobre suas características mais marcantes.

REFERÊNCIAS

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidéia. **Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior.** Cairu em revista, v. 3, n. 4, p. 119-143, 2014. Disponível em: <
https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/08_METODOLOGIAS_ATIVAS_PRO_MOCAO.doc> Acesso em 14 de Jul. de 2021.

FONTANA, Maria Iolanda; ROSA, Maria Arlete; KAUCHAKJE, Samira. **A educação sob o impacto da pandemia Covid-19: uma discussão da literatura.** Revista Práxis, [s. l.], 27 out. 2020. Disponível em: <<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/3506>> Acesso em 18 de Jul. de 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Gabinete do Ministro. **Portaria** nº 343, de 17 de março de 2020. Brasília, 2020. <
<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>> Acesso em 14 de julho de 2021.

MARTINEZ, Albertina Mitjás. **Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira.** Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), [s. l.], v. 13, ed. 1, Janeiro/Junho 2009.

MELO, Maria Cristina; CRUZ, Gilmar de Carvalho. **Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio.** *Imagens da educação*, [s. l.], 2014. Disponível em: <
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/22222>> Acesso em 14 de Jul. de 2021.

MORAN, José. *A importância de construir projetos de vida na educação.* São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/10/vida.pdf>> Acesso em 19 de Jul. de 2021.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/csp/a/HFr6JFJ7SqTLk8KLBpGTQZP/abstract/?lang=pt>> Acesso em 19 de Jul. de 2021.